

Não obstante, justamente esta declaração da impessoalidade de Lenine veio a dar muitíssimo trabalho aos teóricos do coletivismo. Nas lendas que já se haviam formado durante a vida de Lenine e tomaram vulto ainda muito maior depois de sua morte, parecia ressoar o eco da voz do "advocatus diaboli" que protestava contra a beatificação, entre os santos da impessoalidade coletiva, daquele homem que havia criado o novo Estado russo em virtude da única força de seu temperamento possesso de ódio.

Foi mais simples "liquidar" o segundo chefe ainda vivo do bolchevismo do que o morto embalsamado, guardado nas muralhas do Kremlin e cuja lenda já se espalhou pelo país: quando Trotski mostrou tenções de opor sua personalidade ao sistema mecanizado dos Sovietes, não tardou a ser expulso do país e viu-se obrigado a andar vagando num "mundo sem visto".

Daí em diante, o dirigente da Rússia tem sido um homem cuja natureza corresponde integralmente ao ideal impessoal do bolchevismo. Na pessoa do secretário geral Stalin, a encarnação do mecanismo burocrático insinua-se no lugar ainda, há pouco, ocupado por uma personalidade autocrática de "condutor de povos". Governa agora um homem que não é nada mais que secretário do partido e cuja função consiste apenas em expedir às células e às administrações competentes as decisões do "gabinete da Polit". Nessa ditadura de gabinete da Polit e de seu secretário, não sobrevive, realmente, o mínimo vestígio de personalidade.

De acôrdo com a teoria de Marx, segundo a qual tudo o que é espiritual representa apenas uma "superestrutura" acima das relações materiais, o coletivismo, que assim substituiu, na vida e na política da Rússia soviética, a humanidade individual "antediluviana", devia também fazer sentir sua influência na cultura e na arte da nova Rússia. Eis como, desde cedo, esforçaram-se por classificar as manifestações da vida intelectual do homem de acôrdo com as noções de massa e de número, empenhando-se em torná-las calculáveis, como aconteceria com o que era material.

Os novos "artistas" e os novos "teóricos da arte" bolchevistas começaram, por êste motivo, já na primeira época do "comunismo de após-guerra" a negar redondamente as disposições individuais, tais como talento, inspiração e genialidade. Escrever poesias parecia-lhes mera "química verbal" e que podia ser aplicada, segundo determinadas fórmulas e receitas, em laboratórios, sob a direção de experimentados "químicos da palavra". Para acabar definitivamente com a "superstição" de que a criação artística fôsse um ato irracional e individual, organizaram-se "coletividades de poetas" que redigiam seus romances, seus dramas e suas poesias em reuniões *ad hoc* e os publicavam como produção coletiva do "Grupo dos Trinta e Dois" ou da "Associação de Rjasan".



Demonstração monstro por ocasião dos funerais dum patriota hindú em Bombaim.